

## O ACORDO DE LISBOA

por Mário Soares

1. O Governo Sócrates e a diplomacia portuguesa estão de parabéns por terem conseguido acordo, na reunião dos 27 membros da União Europeia, na madrugada de hoje, sobre o Tratado Europeu, que, justamente, será denominado de Lisboa.

2. Não foi uma tarefa fácil. Nada fácil. Foi preciso muita persistência, tacto diplomático e inteligência política para o conseguir. O Primeiro Ministro, José Sócrates, com a sua conhecida determinação e coragem, empenhou-se em absoluto nessa tarefa que a muitos parecia impossível. E conseguiu! Graças também - é importante sublinhá-lo - à diligente diplomacia portuguesa, todos os azimutes, orientada pelo ministro Luís Amado e pelo Secretário de Estado para os Assuntos Europeus, Manuel Lobo Antunes.

3. O Tratado, em si mesmo, quando for conhecido em detalhe, tal como resulta do mandato deixado pela Chanceler alemã, Angela Merkel, não será entusiasmante para nenhum europeista convicto nem, porventura, para o comum dos cidadãos europeus. Mas representa um passo em frente decisivo - para tirar a Europa do impasse em que se encontrava, desde a rejeição dos referendos francês e holandês, ao Tratado Constitucional. Se esse passo decisivo não fosse dado, em Lisboa, a Europa entraria numa crise institucional gravíssima, donde poderia prever-se, com razão, que resultasse o pior. A própria desagregação não seria de excluir.

Felizmente, graças ao Acordo de Lisboa, podemos agora respirar de alívio e encarar o futuro com algum optimismo.

4. É indispensável, contudo, ir mais além. Muito mais além, na construção europeia, se a União quiser tornar-se, efectivamente, um protagonista global- como é necessário que aconteça - no mundo multipolar que está a despontar, depois do descalabro político-económico para que as políticas do Presidente Bush têm atirado a América do Norte e o Ocidente, em geral.

5. É preciso recomeçar, agora que o impasse institucional foi ultrapassado e avançar de novo na construção europeia, como ontem Jacques Delors propunha num artigo publicado no El Pais.

Aqueles Estados membros que, por razões nacionais, não o queiram - ou possam - fazer, pois que fiquem onde estão. Mas não impeçam os outros, que são a esmagadora maioria, de avançar em cooperações reforçadas - será uma das formas possíveis - no sentido de mais e melhor Europa, Política, Social, Económica e Ambiental - a Europa dos Cidadãos - de modo a ser uma referência e um agente decisivo de mudança num Mundo melhor para todos.

O Acordo de Lisboa abriu o caminho, nesse sentido. Não o deixemos fechar.

Lisboa, 19 de Outubro de 2007